

MUSEU DOS DINOSSAUROS: um espaço alternativo de aprendizagens significativas

Helione Dias Duarte

Professora colaboradora do PIBID/Pedagogia
Universidade de Uberaba-Uniube, proes.apoiopedagogico@uniube.br

A utilização de espaços não-formais na educação permite renovar saberes e constituir outros permanentemente, para que os conhecimentos já constituídos sejam ampliados. Assim, é importante fomentar novas formas de aprendizagem para que se possa ultrapassar a rotina de transmissão de conteúdos sistematizados e suscitar a modificação da rotina escolar. A valorização desses espaços é o objetivo do subprojeto “Cidade Alfabetizadora: uma proposta de alfabetização por meio do estudo da história local e do cotidiano”, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, que visa proporcionar um novo olhar aos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Uberaba nesses locais e a difundir a formação continuada dos alunos do curso de Pedagogia da Universidade de Uberaba-Uniube, participantes desse subprojeto.

Alfabetizar por meio do estudo da história local e do cotidiano proporciona às crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental uma visão concreta da realidade. Essa prática permite a elas resgatarem a herança cultural de sua cidade. “Por meio da localidade que os aprendizados ganham sentido no dia a dia do aluno e ele passa a fazer relações e entender conceitos” (NICOLIELO, 2012, p.01).

Ao conhecerem a história da sua cidade, in loco, os alunos tornam-se mais conscientes e críticos, preparados para a experiência e a prática da cidadania.

Por isso, é importante valorizar esses espaços alternativos “numa tentativa de ultrapassar o limite das salas de aula e, assim, possibilitar aos educandos um processo formativo mais dinâmico e enriquecedor, que lhes proporcione novas experiências e quebre a rotina do contexto tradicional” (FERNANDES, 2006, p. 09).

Nessa perspectiva, vale enfatizar que

a educação não-formal é caracterizada por se apresentar como uma forma diferenciada de trabalhar com a educação paralelamente à escola. As atividades da educação não-formal devem ser desenvolvidas em locais prazerosos, oportunizando a troca de vivências e a interação grupal. Para

tanto, os professores precisam propiciar aos seus educandos momentos em que a educação não-formal se efetive como processo e prática social.(FERNANDES, 2006, p.44).

Ao considerarmos a educação como processo, podemos afirmar que ela pode acontecer, também, em espaços não-formais de ensino: clube, família, ruas, praças, cinemas, museus, entre outros. Para Bianconi e Caruso, o espaço não-formal “[...] define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino” (2005, p.20).

E o Museu dos Dinossauros foi um dos locais escolhidos pela equipe integradora do subprojeto para a visita, in loco, pois constitui uma ferramenta pedagógica indispensável ao processo de aprendizagem, fora do âmbito escolar, numa tentativa de atender aos anseios não só das instituições de educação básica e superior, mas também da sociedade.

Segundo Schwanke e Silva,

os museus devem atender às demandas sociais e educacionais, utilizando sua estrutura e seus acervos para a promoção de cursos, palestras e exposições que disponibilizem ao público informações científicas de grande relevância no contexto social (2004, p. 125).

Vale ressaltar que o museu se diferencia da escola, pois nele há uma relação direta com o público visitante na qual a interação se faz, também, por meio de seus códigos, signos, atividades diferenciadas, destacando a particularidade desse espaço.

O Museu dos Dinossauros oportuniza, ainda, a participação por meio de visitas guiadas, visita ao laboratório e à escavação. As atividades oferecidas e o acesso a esses conhecimentos paleontológicos estimula a curiosidade dos visitantes, facilitando o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, os museus, antes vistos como instituições elitizadas, afirmam-se hoje como espaços sociais de intensa atividade científica, cultural e educativa, preocupados com a formação de um “sujeito ético, autônomo, solidário, crítico e transformador” (SANTOS, 2002, p. 6).

Por isso, a relação entre a escola e o museu tem potencial para o desenvolvimento de um outro modo de pensar a educação não-formal, podendo oferecer momentos estimuladores à construção de novos saberes, tanto quanto os oferecidos nos espaços formais (FERNANDES, 2006).

É imprescindível que os professores ampliem as possibilidades de aprendizagem de seus alunos, pois poderão se apropriar de outras maneiras de ver o mundo e agir sobre ele. Nesse sentido, “não podemos imaginar outras formas de trocar conhecimentos se não vivenciamos outras formas de aprender” (LIVRAMENTO, 2005, p. 156).

Nesse contexto, os pibidianos/licenciandos do curso de Pedagogia da Universidade de Uberaba, integrantes deste subprojeto, entendem que a formação não se limita somente ao espaço formal de ensino, mas “significa pensá-la como continuum de formação inicial e contínua” (PIMENTA, 1999, p. 29), uma oportunidade de inovação educativa, em locais não-formais, como o museu, onde a troca de saberes possibilita o desempenho de papéis formativos no processo de desenvolvimento do sujeito social.

Quando os professores procuram os museus querem e desejam encontrar um lugar alternativo à aprendizagem, além de se depararem com temas apresentados de forma interdisciplinar. Isto é fundamental para que possamos pensar que precisamos ampliar a parceria dos museus com as universidades, secretarias municipais e estaduais para a realização de cursos de formação de professores em todos os níveis. Além disso, é muito importante a implantação de pesquisas nos museus e investigações sobre a relação museus/espços culturais e escola. Esses estudos darão subsídios maiores aos programas educativos e culturais desenvolvidos nessas instituições para que se estabeleça uma parceria museu/escola. (ARAÚJO, 2006, ps.04-05).

Essa busca por locais alternativos amplia as expectativas por mudanças qualitativas que possam melhorar a formação de professores e possibilitar a constituição de novos posicionamentos ante as exigências sociais. Segundo Pereira, a atualidade exige “a formação do professor-pesquisador, ou seja, ressalta-se a importância da formação do profissional reflexivo, aquele que pensa-na-ção, cuja atividade profissional se alia à atividade de pesquisa” (2000, p. 41). Nesse sentido,

[...] percebe-se que a formação se dá enquanto acontece a prática — momentos interdependentes e intercomunicantes de um mesmo processo, renovadores do espaço pedagógico e das práticas nele efetivadas. Por isso, a formação não se conclui; cada momento abre possibilidades para novos momentos de formação, assumindo um caráter de recomeço/renovação/inovação da realidade pessoal e profissional, tornando-se a prática, então, a mediadora da produção do conhecimento ancorado/mobilizado na experiência de vida do professor e em sua identidade, construindo-se, a partir desse entendimento, uma prática interativa e dialógica entre o individual e o coletivo. (PORTO, 2000, p. 14).

Por isso, a formação deve se renovar sempre. É preciso continuar esse processo considerando-se que toda mudança exige ressignificações. Vários são os modos de se promover a formação. Ela pode ser desenvolvida em seminários, congressos, oficinas pedagógicas, programas institucionais como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID que visa à formação do professor-pesquisador.

As atividades desenvolvidas pelos alunos e suas concepções, após a visita ao Museu dos Dinossauros, demonstraram o quanto é essencial ter uma visão da história da sua localidade

e de seu cotidiano fora dos muros escolares. Os pibidianos/licenciandos perceberam que a formação continuada, proposta por este subprojeto, proporcionou-lhes “oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar na busca de superação dos problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem”(PIBID/UNIUBE/2012).

Para efetivar os conhecimentos construídos nessa visita, os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Uberaba desenvolveram inúmeras atividades, dentre elas, destacamos: socialização dos momentos mais interessantes, produção de textos, pintura rupestre na praça “Dr. Boulanger Pucci”, situada à frente da escola e pintura na sala de aula.

A experiência com o subprojeto “Cidade Alfabetizadora: uma proposta de alfabetização por meio do estudo da história local e do cotidiano” comprova, mais uma vez, que “o mundo em que o Homem vive é um mundo de pessoas, coisas, lugares, ações que têm significados construídos historicamente e cuja apropriação se dá no contato social” (DURAN, 1993, p. 5).

Nesse sentido, reafirmamos que, são nesses momentos, por meio do diálogo, da comunhão com o outro, da construção coletiva de conhecimentos, seja em local formal ou não-formal de ensino, que os seres humanos se constituem.

Referências

ARAÚJO, H.M.M. **Memória e produção de saberes em espaços educativos não-formais.** Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Helena%20Maria%20Marques%20Araujo.pdf>. Acesso em:31 mai.2013.

BIANCONI, M. L.; CARUSO, F. **Educação não formal. Ciência e Cultura**, ano 57, n. 4, out.-nov.-dez/2005.

DUARTE, H.D. **ESPAÇO NÃO-FORMAL DE APRENDIZAGEM: um estudo do museu como mediador na formação de professores(as).** 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação –Formação de Professores) – Universidade de Uberaba, Uberaba.MG.

DUARTE, Karina; Rossi, Karla; Rodrigues, Fabiana. O processo de alfabetização da criança segundo Emília Ferreiro. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia.** Ano VI – Número 11 – Janeiro de 2008 – Periódicos Semestral.

LIVRAMENTO, M. U. Ampliando meu repertório vivencial: viajando e entrando no museu. In: LEITE, M. I.; OSTETTO, L. E. (Org.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte.** Campinas: Papirus, 2005, p. 153-56.

NICOLIELO, B. História do cotidiano. **Revista Nova Escola**. Edição 249, JANEIRO/FEVEREIRO 2012. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/historia-cotidiano-677974.shtml>. Acesso em: 31 mai.2013.

PEREIRA, J. E. **Formação de professores: pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999, p. 15-34.

PORTO, Y. S. Formação continuada: a prática pedagógica recorrente. In: MARIN, A. J. (Org.). **Educação continuada: formação e trabalho pedagógico**. Campinas: Papirus, 2000, p. 11-37.

SANTOS, M. C. T. M. Os museus e a busca de novos horizontes. *Novos Textos*, Salvador, nov./2002. Disponível em: <<http://museologia.mestrados.ulusofona.pt/mcelia.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

SCHWANKE, C.; SILVA, M. A. J. Educação e paleontologia. In: CARVALHO, I. S. (Org.) *Paleontologia*. Rio de Janeiro: Interciência, 2004, p. 123-30.

